

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (LI)

AINDA SOBRE O TALIAN

“O Talian verso l'imortalità”. (O Talian a caminho da imortalidade). Esta foi a manchete da revista *Insieme* de abril de 2008 – (publicação mensal bilíngüe, de difusão da cultura italiana e italo-brasileira) – que, em princípio, asseguraria o reconhecimento do Talian como uma língua entre todas as línguas oficiais do mundo.

O projeto, encaminhado ao Ministério da Cultura, para o reconhecimento do Talian como um patrimônio imaterial pelo Iphan, está inserido no contexto geral de preservação da diversidade lingüística. Muitas instituições, em especial as universidades, trabalham para mostrar a importância da preservação da multiplicidade de línguas. Em 2002 tive a oportunidade de participar de um evento, promovida pela Universidade de Pádua em Cima Sápada, província de Belluno, com o tema “Os Confins dos Dialectos”.

A questão da preservação da diversidade lingüística está sendo colocada no mesmo nível de importância da preservação da diversidade biológica. A cada língua que desaparece são perdidas experiências de vida, valores culturais, maneiras de entender e expressar sentimentos pessoais e relações familiares e comunitárias. Para se ter uma idéia deste fato é só perguntar às pessoas que tiveram como língua materna o dialeto vêneto. O aprendizado do português veio depois com o ingresso na escola.

Infelizmente, o processo de globalização é, atualmente, a grande ameaça para todo tipo de diversidade. Estamos num acelerado passo para a homogeneização. As estatísticas mostram que centenas de línguas, tratadas como dialetos, desaparecem todos os anos. Um exemplo, frequentemente repetido, de uma língua que resistiu ao tempo e a todas as investidas de eliminação, é a língua basca. Os historiadores das línguas reconhecem o basco como a língua mais antiga, ainda falada no ocidente e ensinada em escolas. Até quando esta resistência suportará as pressões externa, fica difícil prever. O perigo maior está no fato de que o País Basco – Euskadi em basco – não possui autonomia política. O grupo ETA, que luta pela sua autonomia, está classificado como terrorista, devido a suas ações violentas. Assim, o povo basco está dividido entre o norte da Espanha e o sul da França.

No passado, graças às dificuldades de locomoção e de comunicação havia uma proliferação de línguas. Cada grupo isolado ia formando seu modo de falar. Poucos chegaram ao estágio da escrita. Quando os meios de locomoção e as técnicas de comunicação se desenvolveram, houve, num primeiro momento, a formação de línguas através do intercâmbio de modos de falar. Num segundo momento, quando se definiu uma língua oficial, surge o processo inverso de desaparecimento de modos particulares e regionais de falar. Com o surgimento da concentração dos meios de comunicação, em especial os televisivos, sob o controle dos países mais desenvolvidos, está desenhado o caminho veloz do desaparecimento de muitas línguas. É o mesmo fenômeno que ocorre com a transgenia pela manipulação genética. Ela, de fato, cria novas espécies, mas, em contrapartida, favorece o desaparecimento de milhares de espécies nativas.

E o Talian, nesta história toda, qual será o seu destino?

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (LII)

QUAL O DESTINO DO TALIAN?

Qual o destino do Talian? Esta é a grande interrogação. Conseguirá sobreviver? Ou está condenado a desaparecer junto com as pessoas que ainda o falam?

Neste sentido, volto a lembrar duas obras de Gianfranco Cavallin. Numa, intitulada como pergunta, “Esiste a língua veneta?”, ele responde afirmativamente. Para provar faz um longo histórico desde as suas origens até hoje. Na segunda, “Gli Ultimi Veneti, Gianfranco parece não acreditar na sobrevivência, nem da língua veneta, nem dos vênets. A sua descrença surgiu depois de ter feito um levantamento da presença dos vênets em todo mundo. É impressionante o número de imigrantes e descendentes espalhados pelos países da Europa e das três Américas, inclusive da África. As suas observações lhe revelaram que as novas gerações não falam mais a língua vêneta, apenas os mais velhos. Diante desta constatação ele pergunta, a cada região estudada, “serão esses os últimos vênets?”. A resposta o tempo a dará.

O Talian ou, para uns, o vêneto brasileiro ou, para outros, o vêneto riograndense, teria uma sobrevivência assegurada depois da elaboração da gramática, do léxico e do alfabeto, e, com mais garantia, após ser incluído no Inventário Nacional da Diversidade lingüística? Há um grupo expressivo de estudiosos que confiam tanto na sua sobrevivência quanto na sua expansão.

É importante lembrar que uma língua ou, se quiserem, um modo de falar, nasce, cresce e se consolida com uma comunidade, com um povo, com uma nação. O Talian nasceu durante a travessia, cresceu com a história das comunidades regionais e se fez reconhecer através da obra Vita e Stória de Nanetto Pipetta, do Frei Paulino (Aquila Bernardi). Ele traçou os rumos da futura nova língua, o Talian. La Stafeta Riograndense – hoje Correio Riograndese – garantiu sua apresentação pública. Nanetto, o original personagem, tornou-se, digamos, um Dante caipira protagonizando uma comédia migratória.

Na escola se aprende que há línguas vivas e línguas mortas. As primeiras são faladas, as segundas não mais. Portanto para que uma língua se mantenha viva não bastam as estruturas formais, é preciso que continuem como fala e, mais do que isso, como expressão de cultura. Somente a fala garante a sobrevivência de uma língua ou, segundo o anúncio da revista Insieme, a sua imortalidade viva. A imortalidade das línguas mortas repousa nos museus e nas bibliotecas.

Uma observação que, no meu entender, parece estranha é a atitude adotada em muitos eventos que debatem a questão da preservação das línguas dialetais. Tomemos o exemplo do vêneto. O governo, presidente e ministros, que se apresenta como o restaurador da República Sereníssima de Veneza, promulga seus decretos e instruções, não em vêneto, mas em italiano. No evento de Cima Sapada, já citado, foram apresentados estudos sobre dialetos, mas ninguém falou em vêneto. Somente em italiano. Eu avisei, e cumpri, que iria apresentar minha palestra no vêneto que aprendera de minha mãe. Todos entenderam.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (LIII)

VOLTANDO AOS ENSINAMENTOS DO NAVIO-ESCOLA

O segundo grande ensinamento do navio-escola foi a solidariedade. De repente, todas aquelas pessoas, acostumadas a viver na liberdade da área rural, viram-se confinadas nas estreitas dimensões de um navio. E, não apenas por algumas horas ou dias, mas por mais de um mês. E, além disso, havia ainda o futuro confinamento em barracões que podia durar vários meses até ocupar o lote que lhes era destinado.

Todas essas circunstâncias ofereceram as condições necessárias para preparar o enfrentamento das dificuldades de organizar a vida individual, familiar e coletiva no ambiente da nova Pátria, ainda desconhecida.

O primeiro impacto, provavelmente, como revelou Giulio Lorenzoni, foi causado pela diversidade de dialetos. Assim o exercício de solidariedade começa por escutar, entender e respeitar o modo de falar dos outros. Um passo importante para a compreensão mútua. O espírito de solidariedade surge na relação entre pessoas que tem consciência de uma comunidade de interesses, gerando tolerância com os outros e, mais ainda, a disposição de ajudar.

A viagem, do início ao fim, seja durante a travessia, nos dormitórios e refeitórios coletivos, seja nas longas esperas nos barracões, constitui-se na melhor escola do exercício da solidariedade. Mas foi nos momentos de dificuldades que o apoio solidário se faz mais necessário. Neste sentido, vale a pena relatar, aqui, a atitude do velho Mateus Venturini, um senhor de 76 anos, à frente de nove famílias – um verdadeiro batalhão de filhos, filhas, genros, noras e netos – que emigrou para a Colônia de Silveira Martins, hoje conhecida como a Quarta Colônia.

Foi nos primeiros dias de outubro de 1883 que, na altura do equador, uma violenta tempestade se desencadeou. A situação ficou tão dramática que o comandante ordenara jogar toda carga ao mar. Não foi preciso. O mar serenou em tempo. Mas foram três dias de sofrimento e de enjôos que abateram, até, os mais corajosos. Muitos, em especial as mulheres, reclamavam dizendo: “se não houvesse terras para plantar, poderiam tentar a sorte nas cidades. Seria melhor morrer de fome na Itália, lá, pelo menos, teriam assistência religiosa”. No meio do tumulto a voz do velho Mateus se levantou “afirmando que a vida nas cidades é mais apertada do que no campo”. E acrescentou: “O homem que tem saúde não deve nunca emigrar por falta de recursos, mas por falta de trabalho. O homem quando se muda, deve ir para um lugar onde haja terras disponíveis para trabalhar, e não para um lugar onde pode encontrar esmolas. Pergunto: vamos ao Brasil para sermos sustentados pelo Imperador D. Pedro? Nunca! Nós, no princípio, poderemos encontrar dificuldades; mas, depois, com o fruto do nosso trabalho produziremos riquezas e progresso, nos sustentaremos e ajudaremos a sustentar o Brasil, Podeis ter certeza, onde assentarmos o nosso acampamento, dentro de 50 anos, surgirão cidades de altas chaminés fumegantes, como as de Schio, e muito maiores”. Schio era um centro de fábricas de tecelagem.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (LIV)

DA SOLIDARIEDADE PARA A COOPERAÇÃO

O velho Mateus, ainda que não tenha presenciado o surgimento das cidades, nem mesmo testemunhado o sucesso de seus familiares, pois a sua vida na América foi muito curta, confesso, gostaria de ter visto o sorriso em suas faces diante do acerto em ter conduzido todo seu clã para o Rio Grande do sul. E a confirmação de sua profecia.

O espírito solidário encontra seu complemento na cooperação. A descoberta inicial de que todos tinham os mesmos interesses, os mesmo ideais e as mesmas preocupações fez com que eles se aproximassem uns dos outros. Mas isso não era suficiente, precisa viver a solidariedade na prática, no dia a dia. Se todos tinham o mesmo projeto de vida futura, ficava claro que poderia ser realizado como um empreendimento comum. A isto se chama cooperação. Inicialmente ela foi uma prática espontânea, o que se poderia chamar de vida cooperativa. Com o passar do tempo foram surgindo organizações públicas centradas numa determinada atividade, conhecidas como cooperativas de diversas instâncias.

Nos primeiros tempos a cooperação, praticada como forma de vida cooperativa, na verdade, foi quase uma imposição das necessidades de enfrentar as dificuldades de sobrevivência. Ou cooperavam entre si ou podiam fracassar juntos.

O trabalho foi o maior incentivador do espírito cooperativo. Nem sempre a família conseguia executar com suas próprias forças todos os trabalhos necessários para sua instalação no lote recebido. A derrubada da mata, a preparação da madeira e construção da casa foram as atividades que mais exigiram a ajuda dos vizinhos, parentes ou amigos. Depois, na fase de colher ou de debulhar os cereais, em especial o trigo, antes das trilhadeiras, tudo era feito manualmente ou com maquinários muito precários, mas que exigiam vários trabalhadores. Nestes trabalhos, geralmente, a moeda de pagamento era a troca de jornadas. O dinheiro circulante era pouco.

O costume de empréstimos, também, era largamente praticado. Os instrumentos de trabalho eram os mais solicitados, mas não faltaram os empréstimos de carroças, juntas de boi, arados e cavalos. E quando, na última hora faltava farinha, açúcar, banha, sal ou qualquer outro ingrediente de cozinha, recorria-se ao vizinho com a condição de devolver, o mais rapidamente possível, a mesma quantia.

Nas doenças, certamente, foi onde mais se fez sentir a disponibilidade de cooperação. Hospitais e médicos eram raros e distantes. Mesmo que os houvesse, as estradas intransitáveis e a falta de recursos econômicos dificultavam o acesso. Entretanto, não faltavam as visitas, os préstimos de serviços ou os remédios caseiros da parte de quem os conhecia. Para os partos, havia sempre uma parteira prática que, em geral, dava conta do recado, mesmo nos partos de risco, freqüentes porque se seguia a norma da Igreja de que se deveria ter filhos quantos Deus mandasse. É bom lembrar que, no caso de doenças, não havia a obrigação de se remunerar e nem retornar em jornadas as colaborações. Mesmo quando a doença atingia o chefe de família e não havia substituto.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (LV)

O REDESENHO DA ITÁLIA RIOGRANDENSE

Os imigrantes italianos, todos sabem e se continua repetindo que, uma vez instalados, ainda que precariamente, buscavam criar aqui a sua Itália, já que a Itália que haviam deixado do outro lado do mar os abandonara à própria sorte. Entretanto, a Itália aqui não tinha a configuração de um País, mas o da reprodução do vilarejo de origem, onde haviam nascido e vivido. Novamente entra em ação o espírito cooperativo. Desta vez, nem sempre houve harmonia. Veremos.

O ponto de partida da réplica do vilarejo de origem era a igreja. Pode-se perguntar: por que a Igreja? Porque ela representava o centro de toda vida individual, familiar e social do camponês italiano. Tudo girava em torno da Igreja. Por exemplo, o domingo não era tanto um dia de descanso, mas o dia da obrigação de ir à missa. Nos primeiros tempos, muitos imigrantes, como havia poucos padres e os locais das missas ficavam longe, saíam de manhã cedo, a pé, para assistir a missa e, à tarde, voltavam para casa. É bom lembrar que o motivo de tanto esforço não era apenas a missa, mas a ocasião de encontrar outras pessoas, parentes e conhecidos.

Ninguém discordava da construção do lugar de oração, seja igreja, capela ou capitel. O primeiro conflito surgia em definir o local da construção. Onde já havia algum aglomerado de casas, a solução era mais fácil, mas no interior, nem sempre houve acordo. Os comerciantes eram os que mais lutavam para ter a capela ou a igreja nos seus arredores. Para isso eles doavam um terreno ou colaboravam generosamente. O interesse maior estava nos seus negócios. Sabiam que aos domingos, dias de festa ou casamentos o fluxo de pessoas era grande. E da igreja para a casa comercial era apenas um passo. Quando a decisão criava conflitos e desavenças, em geral, vinha a intervenção do Padre. Entretanto sua decisão nem sempre era acatada por todos. Assim o que ocorria era a construção de duas capelas, ainda que distantes alguns quilômetros.

Outro ponto de conflitos era a escolha do santo padroeiro. Quando a maioria era de um mesmo lugar a solução acontecia ao natural, mas quando havia diversidades de origem, a solução, muitas vezes, era recorrer ao Padre ou, então, homenagear vários santos. Em alguns casos, lideranças mais autoritárias impunham o Santo ou a Nossa Senhora de sua devoção. Atitude que gerou, em certas localidades, desavenças permanentes. Histórias verdadeiras ou anedotas, não é possível confirmar, mas muitas são contadas ainda hoje. Umas sérias, outras divertidas. Vou lembrar uma, que poderá ser anedota, mas me contaram como sendo verídica. Teria acontecido em Novo Treviso, a quarta paróquia mais antiga da Quarta Colônia, onde os familiares do Velho Mateus fizeram história. Hoje, distrito de Faxinal do Soturno. Para definir o santo padroeiro, foi convocada uma assembléia. O consenso estava difícil. A reunião se arrastava. De repente, Inocente Pedron, levanta e diz: podem escolher qualquer santo, mas escolham um, cuja festa aconteça no tempo do vinho novo. Todos concordaram. O escolhido foi São Marcos, cuja festa é 25 de abril.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (LVI)

A ITÁLIA RIOGRANDENSE

No início da unificação da Itália, mais precisamente em 1861, Cavour, um dos artífices da Itália unificada, em seu primeiro pronunciamento na Câmara afirmou: "Fizemos a Itália. Agora é preciso fazer os italianos". E, também, sem esquecer a língua, que deveria ser implantada oficialmente. Os fatos mostraram que a construção do território italiano levou tempo para completar-se, mas, depois de muitas lutas e negociações, chegou ao que atualmente é a Itália. Quanto ao "fazer os italianos", a história foi bem diferente. No projeto da Itália unificada, muitas pessoas e comunidades não conseguiram fazer parte desta nova identidade italiana. A situação de pobreza e miséria e a desconsideração dos novos governantes obrigaram milhares de possíveis candidatos à nova cidadania italiana a emigrarem para, em outras terras construir, uma italianidade original. Foi o que aconteceu com os nossos imigrantes em solo gaúcho desde 1875.

A idéia de uma Itália unificada, ainda não plenamente, não estava na mente dos imigrantes. A maioria se identificava com uma região, quando não com seu povoado. Desta forma se pode dizer que eles, como os políticos da unificação fizeram a Itália e os italianos, deveriam fazer, aqui em solo gaúcho, a sua "Itália" e a sua identidade italiana. Portanto, como na unificação da Itália de além mar, aqui era preciso levar em conta, um território próprio, uma identidade populacional e uma língua comum.

Os limites do território ítalo-riograndense teriam a extensão das terras ocupadas e cultivadas pelos colonos, certamente, sem nenhuma intenção de criar um Estado Independente. Criar um Estado não seria uma tarefa fácil, praticamente impossível, para os conhecimentos e intenções dos imigrantes. Há, entretanto, com base em documentos e atitudes que, na Itália daqui, se mantinha uma estreita ligação com a Itália de além mar, pelo menos em termos de afetividade. O fato mais marcante é a publicação, por ocasião do cinquentenário da Imigração Italiana no Rio grande do Sul, do principal documento referente à data comemorativa. O título, Cinquantenario della Colonizzazione Italiana nel Rio Grande del Sud, e a sua redação, toda ela em italiano, mostram que a lembrança da pátria de origem não fora esquecida. A utilização da língua italiana poderia passar por algo natural sem maiores conotações políticas, caso não se prestasse atenção ao conteúdo. Inicialmente, as primeiras autoridades homenageadas são as italianas, O rei Vittorio Emanuele III e Benito Mussolini, somente a seguir o presidente do Brasil, Artur Bernardes e o governador do Estado, Antonio Augusto Borges de Medeiros. Depois são nomeadas personalidades italianas ligadas à colonização. Nenhuma autoridade brasileira que trabalhou no processo de instalação dos imigrantes é lembrada. Além disso, nesta obra do Cinquentenário, foi transcrito o discurso de Mansueto Bernardi, natural de Veranópolis, e filho de imigrantes italianos, em que se exaltam as bravuras dos italianos nas lutas pela implantação da República de Piratini, tanto nas batalhas, quanto na organização político-administrativa. Por fim, em toda a obra, aparece uma clara exaltação da raça italiana.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (LVII)

O ITALIANO RIOGRANDESE

A Itália Riograndense, evidentemente, jamais teria sucesso enquanto um País ou uma Itália aquém mar, nem mesmo nos projetos das pessoas mais sonhadoras. O território italiano continuará sendo apenas o espaço ocupado pelos imigrantes e seus descendentes, hoje já incorporando uma variedade de etnias. Ele manter-se-á enquanto a cultura, ali implantada, preservar suas características originais.

O italiano riograndense, a exemplo do território, precisou ser criado ou, imitando Cavour, seria preciso fazer o italiano riograndense. O que definiu o território foi a maneira como ele foi ocupado, isto é, pelo trabalho dos imigrantes segundo seus conhecimentos e projetos. Em relação à identidade do imigrante é preciso lembrar, mais uma vez, que eles não se sentiam, de fato, cidadãos do Reino da Itália. Sua identidade era regional, quando não local, a da sua cidade de origem. Na sua maioria se apresentavam como sendo veroneses, trevisanos, padoanos, bergamascos, feltrinos, vicentinos, etc. Entretanto outros eram reconhecidos como friulanos, trentinos e tirolezes, isto porque o Friuli, o Trentino, e o Tirol eram regiões que, na época da imigração, estavam sob o domínio do Império Austro-Húngaro, isto no norte da Itália. Ao sul aparecem os calabreses.

Não se pode esquecer que os imigrantes foram responsáveis pela criação das duas Itálias, a de lá e a de cá dos mares. Ajudaram na consolidação da Itália de lá do mar, pela decisão de emigrar resolvendo, para os governantes, os graves problemas da superpopulação, da falta de trabalho, de comida e de habitação. Construíram a Itália daqui pelo seu trabalho, pelos seus ideais, pelos seus empreendimentos na agricultura, na indústria, no comércio e na organização familiar e social.

Essa é a Itália que festejamos hoje através de um conjunto de eventos que celebram os grandes empreendimentos desenvolvidos nos mais diferentes setores da economia do Rio Grande do Sul. Junto com essa Itália foi forjado o perfil do italiano riograndense. Não foi fruto de pré-projeto, mas do conjunto de atividades desenvolvidos durante mais de um século. Pode-se afirmar, com segurança, que o italiano riograndense começou sendo gestado no navio, nascido e crescido em solo gaúcho. No início, a identidade de italiano era para distinguir-se das demais etnias, entre si se reconheciam como oriundos de uma cidade e, às vezes, nem tanto amistosamente. Hoje, alcançou a maturidade, não como italiano propriamente dito, mas como Ítalo-Gaúcho, assim como é descrito no livro, Nós, os Ítalo- Gaúchos, publicado pela Editora da UFRGS, coordenado por Mário Maestri e com a contribuição de quase cinco dezenas de escritores.

A mesma situação de identidade étnica foi vivida pelos imigrantes alemães. A escritora Lia Luft deu esse depoimento: "Na minha família se fala "nós os alemães, e eles, os brasileiros. Isso era uma loucura, porque nós estávamos há gerações no Brasil. E como era uma menina contestadora, um dia, numa semana da Pátria, me dei conta: "Porque falam 'die Brasilianer und wir'? (os brasileiros e nós). Eu quero ser brasileira. Nasci em 1938".

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (LVIII)

A LÍNGUA ITALO-RIOGRANDENSE

A língua é o terceiro fator fundamental para a constituição de uma nação e de um povo. A formação da língua ítalo-riograndense já foi tratada em dois capítulos anteriores, agora falta sublinhar a importância da língua como o elo que completa e sustenta toda a vida de uma população. É na linguagem, diz o biólogo chileno, Umberto Maturana, que se expressa a individualidade e acontece a vida social. Sem a palavra não há comunicação, não há entendimento. De fato, a fala e a maneira de falar é a primeira apresentação de uma pessoa. Pela fala qualifica-se ou desqualifica-se alguém. Às vezes com razão, outras vezes nem tanto. É comum se ouvir afirmações como: o que esse cara pretende ser, nem sabe falar, fala tudo errado.

Diante deste tipo de avaliações, muitos agricultores, de qualquer etnia, tinham ou tem vergonha de se manifestar em público. Isto ocorreu e ocorre porque se julga que para falar e manifestar o que se pensa é preciso dizê-lo conforme as regras gramaticais da linguagem culta. A linguagem popular é tratada como não sendo correta. Assim a pessoa se sente inferiorizada. O bem-falante nem sempre é garantia de cidadão descente.

Atualmente, graças às organizações rurais ou dos sindicatos, muitas atitudes mudaram. Essas falas, carregadas de sotaque italiano, alemão ou polonês, com erros gramaticais, não incomodam tanto. Aos poucos cada um sente orgulho de sua fala e de suas origens. Essa compreensão da diversidade contribui para a harmonia da vida social. É bom lembrar que, nos primeiros tempos, apesar das diferenças de linguagem, não atrapalhou a convivência dos imigrantes. Ninguém criou problemas porque um dizia "gao" e "gaine" e outro falava "gal" e "galine". A comunicação não era prejudicada, nem a convivência.

A unidade do Talian, assim batizada a língua ítalo-riograndense, foi facilmente aceita porque não foi imposto um dos dialetos, como aconteceu na Itália com o Toscano declarado língua oficial. Aqui, o Talian foi incorporando, com o passar do tempo e a convivência, palavras de diversas maneiras de falar, inclusive do português. É verdade que na base de todas essas diferenças havia um estrato comum o Vêneto, exceto os friulanos.

Na função da língua, como fator fundamental de assegurar a unidade de um País e de um Povo, dois pontos devem ser observados. Primeiro, o abandono da língua implica na desestruturação da própria sociedade e do País. Os estudos antropológicos sobre a imposição da língua da metrópole para as colônias africanas mostram como os países colonizados perderam sua identidade e estabilidade. Segundo, a manutenção da unidade lingüística garante a manutenção da identidade da população e a segurança do Estado. Isto não significa que não possa haver a liberdade de falar outras línguas.

Portanto, a sobrevivência da Itália Riograndense, do Italiano Riograndense está intimamente ligada à sobrevivência da Língua Riograndense, o Talian. Preservar a língua é fundamental, mas não bastam a gramática e o dicionário, é preciso que se fale, como diz o Frei Rovílio, "o Talian deve ser a língua do sangue, da mente e do coração".

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (LIX)

O SONHO DOS SONHOS: UMA PROPRIEDADE

A história oficial das correntes migratórias italianas para o Brasil permaneceu na esfera das políticas governamentais e nos interesses econômicos de países e de grupos interessados na mão de obra dos imigrantes. Infelizmente, pouco ou nada foi registrado da vida cotidiana, das lutas do dia-a-dia para sobreviver. Tudo o que se sabe são generalidades que passam de boca em boca e ainda repetidas, mas a caminho do esquecimento. Os sentimentos íntimos, as vivências e experiências de pessoas, de famílias e de pequenas comunidades não foram registrados. Os diários cabem nos dedos de uma mão. As cartas, trocadas entre os imigrantes e seus parentes na Itália, poucas foram conservadas. Talvez, poucas tenham sido escritas devido ao analfabetismo.

No meio desta lacuna em buscar, quase inutilmente, refazer as histórias particulares dos imigrantes, há um sonho coletivo que marcou profundamente a vida de cada imigrante, a perspectiva de uma propriedade. O sonho dos sonhos de cada imigrante era ser proprietário de uma área, cuja extensão nem era imaginada.

No Brasil, em termos gerais, pode-se estabelecer que entre 100 imigrantes, 99 vinham com o sonho de ser proprietário de um pedaço de terra como garantia de "far la cucagna". Há, entretanto, duas situações diferentes de se alcançar a propriedade. Nos Estados do Espírito Santo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, os imigrantes ocupavam desde o início a sua colônia, tendo dez anos para pagar. Em São Paulo foi diferente. Maria Theresa Schorer Petrone, em sua obra, *O Imigrante e a Pequena Propriedade*, descreve os tortuosos caminhos para conseguir a propriedade.

Antes de dar a palavra à Maria Theresa, é preciso sublinhar a diferença fundiária entre os cinco Estados Citados. Nos quatro primeiros, os imigrantes eram encaminhados para ocupar as terras devolutas pertencentes ao Governo brasileiro. E a ocupação era imediata assim que a medição dos lotes ficava pronta.. Em São Paulo, os imigrantes, inicialmente, eram destinados a substituir os escravos nas fazendas de café, com a promessa futura da propriedade como "isca". Esta diferença de tratamento fez, também, a diferença para realizar o sonho de ser proprietário.

Neste sentido, nada melhor que resumir algumas passagens da obra de Maria Theresa Petrone. Os aliciadores de mão de obra acenavam com o acesso à terra, depois de um estágio na fazenda, e faziam dos projetos de criação da pequena propriedade uma "isca" para atrair imigrantes. O cafeicultor, devido à abolição da escravatura, clamava por sempre mais mão de obra, pois com a abundância de braços, os salários seriam menores. Sem a possibilidade de realizar o sonho de se transformar em proprietário, todo o programa organizado a partir de 1885 pela Sociedade de Imigração (1885-1895), continuando depois pelo Estado, não teria surtido efeito. A programação deixava claro que, depois de alguns anos de trabalho na fazenda de café e acumulado algum pecúlio, o imigrante poderia comprar um lote de terra nos núcleos coloniais criados pelo Estado ou por particulares.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (LX)

SER PROPRIETÁRIO

Se o caminho do acesso à propriedade não era exatamente igual para os imigrantes destinados aos cafezais de São Paulo, e os que foram, mais ou menos, abandonados nas montanhas e matas do Rio Grande do Sul, um fator era comum a todos, o ideal da posse de um pedaço de terra como símbolo de sua própria realização. Aqui, em solo gaúcho, chegar à posse da terra, se pode dizer que foi relativamente fácil, as dificuldades maiores ficaram ligadas ao processo da dominação do solo pouco conhecido. Lá, em São Paulo, ao contrário, segundo Maria Teresa Petrone, aconteceram alguns fatos frustrantes.

Primeiro, os grandes latifundiários eram contra a pequena propriedade. Temiam que os pequenos produtores se tornassem seus concorrentes. Neste sentido, é bom lembrar que os pequenos proprietários do Espírito Santo conseguiram elevar o Estado ao terceiro lugar na produção de café. Essa resistência foi superada quando perceberam que o pequeno proprietário podia servir de mão de obra eventual na época da colheita e, também, porque produziam alimentos para a população urbana crescente.

Segundo, os donos de cafezais, na verdade queriam braços para substituir os escravos, tratando-os quase da mesma maneira. O que levou um bom número de imigrantes fugirem para a Argentina.

Terceiro, não faltaram frustrações por duas razões. Alguns imigrantes acabaram ficando na fazenda por mais de uma geração devido à insuficiência do ganho como assalariado, o que não permitiu a compra da propriedade. É bom lembrar que o salário mínimo somente entrou em vigor em 1º de maio de 1940. Outros que, embora tenham adquirido a terra, não conseguiram produzir o suficiente para sobreviver. Esses casos, em geral, aconteceram quando houve a compra das terras já exauridas dos cafezais.

No Rio Grande do Sul, o acesso à propriedade até o pagamento final, apesar das dificuldades, foi um sucesso de quase todos. As dificuldades maiores ficaram por conta das ferramentas precárias para o desmatamento. A comercialização dos excedentes produzidos não foi fácil. De um lado, havia a falta de um mercado consumidor dos centros urbanos maiores. De outro lado, era preciso enfrentar a quase ausência de estradas e de meios de transporte. Apesar de tudo isto havia um grande consolo, as mesas ficavam fartas. A fome não assustava mais ninguém. E, o mais importante, cada um era senhor de si mesmo.

O isolamento, não bem equacionado, afetou a vida dos imigrantes. Cada família vivia no interior de sua colônia. Nem sempre os vizinhos estavam próximos, além de todos estarem preocupados com seus trabalhos. Daí a importância da chamada sociologia religiosa em torno da capela.

Diante de todas as dificuldades, o sonho de ser proprietário, embora estivesse ficando com sabor amargo, era a fonte de todas as energias. Basta lembrar esta passagem da carta de um imigrante, escrita a alguém da Itália, relatada por Danilo Lazzaroto: "Eu, aqui no Brasil, urino no que é meu, se tu quiseres urinar no que é teu tens que urinar no bolso".